



GT22 - Educação Ambiental – Trabalho 276

DIÁLOGOS ENTRE IMAGENS E NARRATIVAS: CONSTRUINDO MOSAICOS DE NATUREZA EM DOIS CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS DA BAHIA

Alessandra Alexandre Freixo – PPGE/UEFS

João Paulo dos Santos Silva – PPGE/UEFS

Agência Financiadora: PROEXT-MEC SESu

Resumo

O intuito deste artigo é compor um quadro de possibilidades para a pesquisa e a intervenção pedagógica, tomando como elemento inspirador a coprodução de imagens e narrativas da natureza. Partindo de três universos conceituais – imagem, natureza e representação – buscamos socializar experiências de interconhecimento que se desenvolveram em dois contextos diferenciados, nos quais atuamos nos últimos anos: a experiência com acadêmicos do curso de Ciências Biológicas de uma universidade estadual na Bahia; e outra com jovens rurais do semiárido baiano. Recorrendo a imagens fotográficas, pictóricas e fílmicas, como importantes elementos de ensino e de pesquisa, foi possível uma revisão dos modos de ser e viver natureza(s), ultrapassando representações fixadas e possibilitando novas aprendizagens entre os distintos sujeitos envolvidos nestas experiências. Estes foram estimulados a produzir uma narrativa coletiva sobre a natureza que os possibilitará uma reflexão sobre os sentidos de natureza que se constroem no contexto da contemporaneidade.

Palavras-chave: Representação, natureza, imagens visuais, interconhecimento.

Iniciando nosso diálogo...

O intuito deste artigo é refletir sobre alguns dos vieses de pesquisa que viemos construindo ao longo de uma trajetória de seis anos, conhecendo e deixando-se conhecer por meio de palavras e imagens. Buscamos, neste momento, compor um quadro de possibilidades para a pesquisa e a intervenção pedagógica, tomando como elemento inspirador a coprodução de imagens e narrativas.

Ao longo de nossa trajetória de pesquisa envolvendo imagens visuais, percebemos que o percurso que traçamos tem se transformado, deslocando o papel das imagens

como meras ilustradoras, ressignificando-as como produtoras de realidades, elementos prechos de inúmeros significados, que se expressam pelas narrativas dos sujeitos que tem compartilhado conosco suas vivências e convivências, aprendendo e ensinando seu modo próprio de caminhar no mundo, num processo contínuo de interconhecimento.

E nesse caminhar, se enovelam à imagem dois outros conceitos que tem enriquecido nossas reflexões: a *natureza* (ou, em alguns momentos, o *ambiente*) e a *representação*. Reconhecemos que, apesar de todo o debate em torno desses conceitos, muito caros às ciências humanas, há ainda muito a se construir e desconstruir em relação aos mesmos... Portanto, que o leitor não espere nestas poucas linhas um tratado sobre estes universos conceituais, mas apenas uma leitura possível, que tem norteado o diálogo com nossos interlocutores: duas “juventudes”, que agora se põem a dialogar por meio de narrativas e imagens: jovens acadêmicos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana e jovens de uma Escola Família Agrícola do território do sisal.

Inspirados por três universos conceituais – imagem, natureza e representação – convidamos o leitor a compartilhar conosco alguns fragmentos de memória, cuidadosamente recolhidos, na tentativa de socializar experiências que possam inspirar outros olhares sobre as imagens visuais e seu papel como objeto de pesquisa e intervenção em dois contextos diferenciados, nos quais atuamos nos últimos anos.

Encarando o desafio de dialogar com experiências tão diversificadas, iniciamos este texto com uma interpretação dos sentidos que conferimos à natureza e representação e como estes conceitos vem sendo acionados e articulados à produção imagética em nossas pesquisas, para enovelar tais conceitos a duas experiências de interconhecimento; enfim, dois “encontros”. Que estes trajetos enriqueçam nosso olhar sobre as imagens e nos inspirem novas caminhadas.

Construindo os encontros: representação e imagem visual como mediadoras de sentidos sobre a natureza

No caminho da compreensão dos distintos sentidos atribuídos à natureza, adotamos como potencial campo teórico os estudos sobre representação, seguindo um caminho seguro, já trilhado por eminentes estudiosos do campo da Antropologia ou da Psicologia Social. Neste “caminho seguro”, entretanto, nos deparamos com algumas

leituras que nos fizeram repensar o papel que tem exercido o conceito de representação na aproximação dos sentidos de natureza.

Autores como Tim Ingold (2000) e Bruno Latour (2004) nos fizeram questionar a noção de natureza implícita em nossas primeiras formulações teóricas, tecendo críticas importantes quanto à dualidade que envolve a noção de natureza, que pressupõe uma exterioridade do mundo em relação ao humano.

Entretanto, em que pesem as críticas desses autores com relação à noção de representação, tomamos este conceito como central na compreensão das relações entre os seres humanos em seu ambiente, inspirados pelas formulações de Henri Lefebvre (2006). Seguindo o viés proposto por Lefebvre, as representações de modo algum devem ser tomadas como falsas ou verdadeiras, ou como simples construções *a priori* que somente existiriam “dentro do cérebro” ou da “mente” das pessoas. Ao contrário, ao longo das pesquisas que empreendemos, tivemos o cuidado de tomar as representações como *mediações*, que necessariamente envolvem as percepções e as vivências das pessoas em seu cotidiano.

De modo a compreender como construímos nosso encontro com distintos cotidianos, na busca de seus universos de natureza, propomos iniciar uma reflexão em torno do conceito de natureza proposto por Whitehead (1994):

O ponto que desejo ressaltar é o seguinte: a natureza nos é conhecida, em nossa experiência, como um complexo de eventos passageiros. [...] Em outras palavras, a natureza é uma estrutura de eventos e cada evento tem sua posição nessa estrutura e seu próprio caráter ou qualidade peculiar. (WHITEHEAD, 1994, p. 195)

Ao tomar a natureza como uma “rede de eventos únicos”, Whitehead parte do pressuposto que a “realidade” ou “natureza” existem não como uma “construção humana”, mas como uma rede de acontecimentos de caráter próprio, que se coloca ao conhecimento por meio da experiência de um observador. É neste sentido que Whitehead define os eventos da natureza: são “porções da vida da natureza”, que apresentam um caráter ou uma qualidade intrínseca, mas que, ao mesmo tempo, permitem ao observador conhecê-los e/ou reconhecê-los.

Em que pese o caráter próprio dos eventos da natureza, Whitehead afirma que os seres humanos se mostram incapazes de ter acesso a estes eventos, a não ser pela experiência como observadores e, em última instância, pela cultura. Neste sentido,

haveria uma “realidade humana”, que seria sempre condicionada ou informada tanto pelo caráter dos eventos da natureza, como pela cultura a qual pertence o observador, e como tal, permaneceria incompleta.

Por outro lado, Tim Ingold (2000) afirma que a noção de natureza diz respeito a uma “externalidade”, ou seja, uma noção que só pode ser utilizada por seres humanos que não pertencem a ela, que creem não afetarem nem serem afetados por ela. Para o autor, essa noção de natureza está intrinsecamente ligada ao pensamento ocidental, o qual ontologicamente concebe uma dualidade entre dois mundos: o mundo da cultura (o mundo dos humanos) e o mundo da natureza (os outros não-humanos). Assim, propõe a distinção entre a noção de natureza e aquela de *ambiente*, que englobaria necessariamente seres humanos engajados numa *totalidade indivisível*, que corresponde em seu argumento ao “*whole-organism-in-your-environment*” (INGOLD, 2000, p. 19). Desse modo, termos como “experiência”, “engajamento”, “organismo mais ambiente” e “intencionalidade” seriam elementos fundamentais para a compreensão das relações dos seres humanos e não-humanos no ambiente. Essa crítica à noção de natureza elaborada por Ingold se insere num contexto em que a amplitude do conceito de natureza foi progressivamente reduzida: como o próprio autor considera, ao pensamento ocidental.

Em que pesem as divergências entre o conceito de natureza proposto por Whitehead e o conceito de ambiente defendido por Ingold, consideramos que ambos autores convergem em seus argumentos com relação ao seguinte tema: a busca da compreensão da realidade como uma totalidade indivisível. Neste sentido, a ideia de uma “rede de eventos” aproxima-se da noção de “seres humanos-no-ambiente”, se compreendermos, tal como Whitehead, que seres humanos inserem-se nessa rede de eventos, tomando parte na natureza.

Em ambos os casos, a tentativa seria retomar a busca da totalidade, porém sem nunca alcançá-la em sua completude. Ingold o faz pela noção de *ambiente* – que pressupõe o engajamento do organismo (humano ou não) –, noção esta incompleta, pois compreendida como um *processo de desenvolvimento* do organismo-no-ambiente. Whitehead, por sua vez, busca a totalidade pela compreensão da natureza como *rede de eventos* (de todas as ordens, envolvendo seres humanos ou não); noção esta também incompleta, uma vez que os eventos são, para Whitehead, processos únicos no tempo e no espaço, os quais os seres humanos compreendem apenas por meio de sua cultura.

Portanto, se tratarmos de pensar a *natureza* como uma totalidade e, como tal, indivisível e, ao mesmo tempo, inacessível em sua completude, nos aproximamos assim

da noção de *ambiente*. Desse modo, ao longo de nossas pesquisas, tendemos a tomar *natureza* e *ambiente* como sinônimos. Portanto, tratamos de compreender as relações dos seres humanos *na* natureza, ou *no* ambiente, aqui compreendidos como uma *totalidade incompleta*, ou em processo de totalização, da qual seres humanos e não-humanos fazem parte.

Neste sentido, tomaremos como pressuposto o conceito de natureza como “rede de eventos” (WHITEHEAD, 1994), à medida que este conceito se abre à incerteza e à possibilidade de desconhecimento dos seres humanos, destacando ainda o papel da experiência na produção de conhecimento, sem prejuízo do papel do contexto sociocultural, que também participa destas relações no ambiente.

Aceitos os pressupostos acima descritos, a natureza (ou ambiente), tal como a conhecemos, não existe como dado, mas está essencialmente informada pela experiência humana. Assim, podemos compreender a natureza como uma unidade socialmente construída, na qual se inserem os seres humanos e não-humanos, significados e ressignificados pelos seres humanos, em determinada cultura.

Bruno Latour, em seu livro “Políticas da Natureza” (2004), tecendo duras críticas à Ecologia Política, pode trazer muitas contribuições o debate em torno da dualidade sociedade/natureza. Para desenvolver seu argumento, Latour inicia por problematizar a noção de representação, a qual ele compara ao mito da Caverna de Platão. Para Latour, o papel da *Ciência* até então foi reforçar a ideia de uma *Natureza* indiscutível, imutável, absoluta, à qual apenas iniciados poderiam ter acesso. Assim, para o autor, a noção de representação de natureza foi criada em sinônimo à “ideia equivocada” ou às “sombras da Caverna de Platão”, à medida que a maioria dos seres humanos não poderiam ter acesso à realidade, a não por suas representações.

Consideramos um tanto arriscado negar o papel que as construções simbólicas desempenham na sociedade e simplesmente tomá-las como falsificações, tal como sugere Latour, seria, a nosso ver, negar a impossibilidade dos seres humanos apreenderem o meio físico, a não ser por meio da cultura. Neste sentido, em que pesem as argumentações do autor, não as consideramos suficientes para descartar todo e qualquer investimento em direção à análise das representações que humanos constroem no meio em que se reproduzem socialmente.

É neste sentido que se inserem as contribuições teóricas de Henri Lefebvre (2006). Este autor compreende as representações não como falsificações ou alterações do real, mas percebe sua existência intrincada às condições de existência de um grupo social,

constituindo-se numa figura, ou imagem que este grupo faz de si e dos outros (para si e para os demais), como uma *mediação* desse grupo social entre si e com os outros. Essas representações podem nascer do inconsciente, ou tomar forma como “percepções” mais ou menos temporárias do indivíduo, ou ainda constituírem-se em concepções que se fixam, tornando-se correntes, instituídas e, como tais, originando ideologias.

Entender as representações nesse viés nos permite pensar a dinâmica das relações humanas, de tal forma a tomá-las como parte nessa “rede de eventos únicos” que constitui a natureza (WHITEHEAD, 1994). Tomar a representação como parte dessa rede de eventos, mediadora das relações entre humanos e não humanos, permite ultrapassar a dicotomia entre ideal/material.

Assim, buscando aliar as contribuições das diversas leituras sobre a “natureza”, é necessário ponderar que um estudo sobre as representações não deve se encerrar numa perspectiva de imutabilidade no tempo e no espaço, sob o risco de cair num viés determinista dos fenômenos sociais. Ao contrário, percebemos sua contribuição sob um prisma em que essas representações fazem parte de um complexo sistema simbólico (BOURDIEU, 2005), que informa, em certa medida, as ações desses sujeitos e, assim, tornam-se fundamentais para uma compreensão mais aproximada das transformações ocorridas no ambiente.

Neste viés se inserem as imagens visuais, que tem participado ativamente, ao longo de nossas pesquisas, no processo de construção e reconstrução de um universo de representações de natureza. Assim, distintos atores/autores de imagens tem se desafiado a produzir fotografias, vídeos, ou mesmo desenhos que, aliados às narrativas orais, tem se destacado na interpretação de distintas realidades, produzindo novos olhares sobre a natureza. As imagens visuais passam então a ser percebidas como auxiliares na compreensão das formas sociais e no processo de comunicação de ideias, que compõem a base do encontro etnográfico (ANDRADE, 2002; BITTENCOURT, 1998; NOVAES, 2005).

O primeiro “encontro”: conhecendo (e se deixando conhecer por) acadêmicos de Biologia da UEFS

Nossa trajetória conjunta se inicia com a experiência formativa no curso de Ciências Biológicas da UEFS, em especial com a vivência na disciplina “Imagens da Natureza”, componente curricular obrigatório do referido curso. Neste momento,

professora e estudante, co-autores destes escritos, se dão a conhecer por meio de uma experiência inovadora para ambos: o desafio de refletir sobre as representações de natureza histórica e culturalmente produzidas em diversos meios socioculturais, incluindo a escola, de modo a problematizar a visão antropocêntrica veiculada nos diversos discursos educacionais.

Diante desse desafio, proposto na ementa daquele componente curricular, percebemos a potencialidade de se recorrer às imagens visuais como veículos e suportes para diversas representações de natureza. Então, organizamos nosso trabalho pedagógico tomando estas imagens (sejam fotografias, vídeos ou desenhos, elaborados pelos estudantes) como pontos de partida para a reflexão em torno das representações de natureza expressas na sociedade.

Durante as vivências na disciplina, os estudantes traziam em sua “bagagem” de vida alguns conceitos e percepções de natureza que instigavam a todos os participantes. Partiu daí o interesse em atrelar o trabalho pedagógico a uma proposta de investigação-ação que nos permitisse conhecer melhor as origens de diversos conceitos de natureza existentes entre os estudantes, por meio das imagens que estes traziam. As imagens tornaram-se vetores de percepções e sentidos de natureza, e assumiram grande potencial para socializar algumas trajetórias dos estudantes e, atreladas a elas, construir novos conhecimentos sobre os diversificados significados de natureza.

Com esta experiência, não se buscou definir um único conceito de natureza, mas trazer à tona uma reflexão sobre as várias formas de olhar e de ser natureza, expressas nas narrativas e imagens apresentadas por alguns estudantes. O que está em jogo é a análise das imagens e discursos visuais produzidos no âmbito de uma cultura como uma possibilidade de dialogar com as regras e os códigos dessa cultura (BARBOSA e CUNHA, 2006), e como esse discurso sobre as imagens de natureza permanece no contexto histórico da humanidade e como suas interpretações influenciam e/ou influenciaram gerações.

Inicialmente, ocorreu uma introdução de temáticas sobre imagem, natureza, e o conceito de natureza, por meio de leituras orientadas e debates. Munidos desses referenciais, os estudantes foram incentivados a socializar no grupo suas representações de natureza, buscando suporte tanto nos textos quanto nas imagens e no seu contexto de produção. As apresentações dos estudantes foram gravadas em audiovisual, com autorização prévia, para registro documental e socialização, objetivando assim a

congregação dessas imagens e narrativas para a produção de um vídeo-documentário, que denominamos “vídeo-mosaico” de imagens de natureza.

Finalizada a etapa de apresentações das imagens e gravações em vídeo, realizamos releitura de todas as imagens e filmagens, de modo a buscar uma categorização coletiva das representações de natureza que estas imagens suscitaram, agrupando-as de modo a compor um projeto de edição para o vídeo-mosaico da turma, trabalho essencialmente coletivo.

Assim, a proposta de elaboração do vídeo-mosaico pretendeu ultrapassar o simples elemento de registro de uma atividade, tornando-se fonte de reconhecimento do sujeito como construtor de uma trajetória de vida e sua relação com a natureza, as influências que levam o sujeito a entender o espaço ao seu redor. É, assim, uma atividade de reconhecimento dos sujeitos como produtores de imagens, informação e memória sobre a natureza. Diante dos múltiplos sentidos de natureza elaborados pelos estudantes, escolhemos duas imagens para uma reflexão mais detalhada: *a natureza é o meu lugar...; e os bichos são natureza...*

Em que pesem as inúmeras representações de natureza associadas ao verde e às belezas naturais, também comuns entre os estudantes de biologia que participaram deste encontro, vale ressaltar um olhar diferenciado sobre a natureza, dada a polissemia deste conceito: a associação feita por alguns estudantes ao lugar, ou ao amor, o apego ao “seu” lugar.

Esta nos pareceu ser a intenção de um dos estudantes, ao destacar a beleza e a tradição de um lugar em sua cidade: o Morro do Cruzeiro, em Jacobina (Figura 1).

Figura 1. “Minha cidade: fenômenos dentro da Natureza”. Jacobina, BA. Abril, 2010. Por *Mário*.



Eu escolhi essa imagem porque é uma tradição muito comum e bonita lá em minha cidade. Eu achei interessante porque envolve fenômenos dentro da natureza, como vocês veem ali a Serra do Cruzeiro, na minha cidade, Jacobina”. *Mário*. Estudante de Ciências Biológicas.

Este estudante, de codinome *Mário*¹, faz referência à “sua” cidade por sua beleza e pela tradição religiosa local, na qual as pessoas do lugar sobem em romaria, com velas na mão, na noite de quarta-feira de cinzas. Esta força da religiosidade, demarcando os lugares sagrados, nos remete à percepção mágico-religiosa que povoa o imaginário social brasileiro, reavivando os ritos, eternizados por *Mário* em sua fotografia. José de Souza Martins (2002) nos chama a atenção para essa ritualística que se deixa eternizar pela cultura visual, chegando a fotografia a disputar o lugar de outras imagens do sagrado. De algum modo, *Mário* ressalta essa ritualística e eterniza, em sua imagem de natureza, a fé e o amor a este lugar, o cruzeiro, que se faz visibilizar pelos romeiros, que formam com suas velas um longo caminho iluminado, apreciado por todos os cantos da cidade, no período da Semana Santa.

Este cruzeiro, um verdadeiro “repositório de lembranças” (TUAN, 1980), imprime neste estudante um sentimento de pertencimento e um elo afetivo, tornando-se um símbolo de beleza e de apego emocional, transmutando-se em natureza, participando do que *Mário* reconhece como “fenômeno natural”. Destacando essa força do lugar, de pertencimento, ou, nos termos de Tuan (1980), de “topofilia”, amplia-se assim o leque de percepções em torno da natureza, para além do verde.

Outra categoria construída a partir do debate para a elaboração de um dos vídeo-mosaicos deriva da presença marcante dos animais de estimação no cotidiano de alguns

dos estudantes, que os fizeram elencar como imagem de natureza o “bicho”, ou melhor, “o meu bichinho”.

Desde os primórdios o homem usufruiu dos animais para diversas atividades. Com o surgimento das cidades, a situação não deixou de ser diferente. Nas ruas dos centros urbanos europeus, por exemplo, era comum conviver com porcos, cachorros, gatos e ratos, além dos animais que eram utilizados para tração. A utilidade, sem sombra de dúvida, aproximava ainda mais os animais dos homens. É neste sentido que Keith Thomas (1988) retrata a relevância da relação dos seres humanos com os animais, assunto para o qual reserva todo um capítulo de seu livro “O homem e o mundo natural”. Estes verdadeiros “companheiros domésticos” (THOMAS, 1988, p.111), tem sua natureza deveras aproximada à natureza humana. Além de um “retrato de natureza em casa”, os animais proporcionavam companhia aos solitários, alívio aos fatigados e compensação aos que não tinham filhos (THOMAS, 1988).

Por outro lado, autores como Philippe Descola (1998) e Tim Ingold (2000), ao proporem uma análise mais ampla das percepções dos seres humanos e sua relação com os animais, defendem que este processo que aqui chamamos de humanização – que incute aos animais a mesma ética e responsabilidade moral humana – constitui-se numa característica típica do pensamento ocidental, que ontologicamente concebe uma dualidade entre dois mundos: o mundo da cultura e o mundo da natureza, ou ainda o mundo dos humanos e dos não-humanos, tal como sugere Ingold (2000).

Neste sentido, a humanização dos bichos de estimação não constitui um reconhecimento de sua natureza animal, mas sua inclusão no mundo dos humanos, onde são tratados como membros da família, quase como pessoas humanas, como relata Ingold (2000): “people in Western societies do very often treat animals, or speak of them, *as if they were persons*” (p. 90). Ressalte-se que o termo “como se” (*as if*, grifado por Ingold, na sua escrita original) expressa claramente a tendência das sociedades ocidentais humanizar seus bichos, reconhecendo no entanto a externalidade de sua natureza não humana.

Neste processo de humanização, os “bichos” se tornam membros da família, ganham nome próprio e, por vezes, sobrenome, como ressaltaram alguns dos estudantes ao descrever seus “bichinhos”. Ao mesmo tempo, estes animais são por vezes incluídos hierarquicamente nesta sociabilidade da família, sendo em geral infantilizados como eternos “bebês”, que nunca envelhecem, sendo debilmente incluídos neste mundo de

humanos. Afinal, neste eterno “como se fosse”, seus donos sempre se relembram de sua externalidade animal/natural.

Esta valorização dos animais perdura como retrato de nossa cultura ocidental, e atualmente a tendência em ter um animal em casa faz parte da nossa realidade moderna. As narrativas e imagens de natureza apresentadas pelos estudantes contemplam esta humanização dos animais, além de reforçar ideia de que os bichos permitem uma proximidade maior entre o homem e a natureza.

Dentre as imagens categorizadas como “bichos”, destacam-se gatos e cachorros, os animais domésticos mais convencionais dos centros urbanos, porém outros receberam atenção como cavalos, jabutis e até abelhas. Em todas as apresentações uma coisa é comum, os animais sempre foram e sempre serão parceiros dos seres humanos. Esta nos parece ser a percepção de uma estudante que traz uma imagem-memória de sua gatinha, ente querida, entrelaçada em sua rede familiar, da qual ainda sente a perda (Figura 2). Solicitada a atribuir um nome à sua imagem, a estudante a traduz como “minha dengosa”, que para ela retrata fielmente sua imagem de natureza.

Ao lançarmos nosso olhar para esta imagem, nos ressalta o jogo de cores elaborado por para expressar seus sentimentos com relação à sua gatinha. O desenho de sua autoria, emoldurado e centralizado na imagem, em grafite, destaca-se frente às imagens secundárias do desenho, todas coloridas, que se apresentam como uma segunda moldura, delimitada por uma terceira moldura em tons de verde. Quiçá estes tons de verde reforcem o tema da imagem: enfim, é uma imagem de natureza e, como clichê, os tons de verde convidam o observador a adentrar na imagem. As imagens coloridas ao redor do desenho parecem reforçar a tônica da imagem: “minha dengosa”, uma gatinha cercada de imagens infantis que representam delicadeza e graciosidade.

Figura 2. “Minha dengosa”. Feira de Santana, BA. Abril, 2010. Por *Thaiane*.



Minha visão de natureza: minha gata de estimação, infelizmente, ou felizmente, no dia 10 de outubro do ano passado, ela ia completar 10 anos, dois dias antes ela morreu. *Thaiane*. Estudante de Ciências Biológicas.

Para esta estudante, a decisão de desenhar sua gata partiu de sua “mania” por desenho e, principalmente, sua vontade de retratar uma imagem que ela considerava mais fiel de sua “companheira” em seus processos criativos. O desenho que fez da gata é marcado pela tristeza e pela ausência: enfim, um ente querido se foi e, quando vai, leva um pouco de sua inspiração e da felicidade.

às vezes a gente olha para um desenho e vê alegria, mas quando você desenha você põe sua alma no desenho. E quando eu costumo desenhar eu tenho uma tristeza no fundo. *Thaiane*. Estudante de Ciências Biológicas.

Esta “tristeza no fundo” é característica do desenho: o fundo cinza do desenho contrasta com o colorido do restante da imagem: a autora da imagem queria trazer alegria, mas lhe resta a tristeza. No fundo, é isso que a estudante quer expressar: a tristeza da perda do bichinho. Apesar de ter outras tantas imagens que para ela seriam, talvez, indubitáveis representantes de natureza, no diálogo com os colegas prefere apresentar sua tristeza.

Certamente, no caminho de produção do mosaico de imagens entre os estudantes, constatou-se uma variada amplitude de imagens e narrativas, que ultrapassam a corrente ideia de “natureza verde”, atrelada geralmente a um mito da natureza intocada (DIEGUES, 2001), característica do avanço dos movimentos ecológicos, e com raízes na histórica cisão *physis-nomos*, iniciada pelos gregos (MEDEIROS, 2002). Apesar desta imagem de natureza ser presente entre os estudantes, um olhar mais minucioso

sobre as imagens produzidas nos permite ampliar tais percepções, abarcando inúmeras outras nesse mosaico.

Estas e outras formas de perceber a natureza foram de fundamental importância para a construção de conhecimento para todos os participantes das atividades propostas na disciplina. Não só porque serviram de mote para um debate sobre os pressupostos filosóficos, históricos e sociais em torno do conceito de natureza, mas por permitirem uma ampliação das percepções e um exercício de conhecimento do outro.

Deste encontro com os acadêmicos de biologia, novas frentes de trabalho se abriram e tornou-se crescente o interesse em envolver o diálogo entre imagem e narrativa na reflexão sobre os sentidos de natureza entre sujeitos de diferentes contextos socioculturais, na perspectiva de empoderamento local. E assim nos lançamos a uma nova experiência: o “encontro” com os jovens rurais de Valente.

O segundo encontro: os jovens do sisal e seus olhares na/da natureza

A partir da experiência de intervenção pedagógica com acadêmicos do curso de biologia, iniciamos um novo percurso de pesquisa: uma proposta de intervenção pedagógica na Escola Família Agrícola de Valente. Neste momento, iniciávamos um projeto de investigação-ação², ainda em andamento, que tem como principal objetivo fortalecer o enraizamento de comunidades no território do sisal, em especial no município de Valente, tomando como ponto de partida o desenvolvimento de tecnologias sociais voltadas ao fortalecimento de estratégias que resgatem as trajetórias socioprofissionais de jovens egressos da Escola Família Agrícola de Valente. Percebemos, naquele instante, a potencialidade das imagens visuais na reflexão sobre os sentidos de natureza e de rural/campo entre estes jovens rurais, como uma das frentes de trabalho do projeto.

E assim iniciamos um plano de trabalho buscando desenvolver com os jovens da EFA um vídeo-mosaico de imagens de natureza, tomando como referenciais teórico-metodológicos aqueles já desenvolvidos anteriormente, quando do trabalho pedagógico com os acadêmicos de biologia.

Tal como pudemos perceber com a experiência entre os acadêmicos de biologia, uma variada gama de representações se fizeram presentes entre os estudantes da EFA, superando em muito o olhar ‘clichê’ da natureza associada ao verde. Novamente, percebemos a força das imagens dos bichos como natureza, não apenas aqueles domésticos, como apontados pelos estudantes de biologia, mas principalmente aqueles que os estudantes reconhecem por sua utilidade ao ser humano, ou ainda pela sua beleza, reforçando uma ética de preservação da natureza. Não apenas os “companheiros domésticos” (THOMAS, 1988, p.130), como o cavalo, jegue, dentre outros envolvidos nas tarefas diárias e na alimentação, mas principalmente aqueles que invadem o cotidiano rural dos estudantes, como as abelhas, e os denominados pelos estudantes como “animais do mato”, apresentam-se como legítimos representantes da natureza.

Com relação aos “bichos do mato”, cabe ressaltar nos relatos a representação desses animais como escassos e indefesos, de tal modo a desenvolver nestes jovens o sentimento de dó, a necessidade de preservação e, ao mesmo tempo, o senso de interdependência, características estas que podem ser apontadas como partícipes do modo de vida dos pequenos agricultores, e que traduzem seu afeto pela terra (BRANDÃO, 1999). Algumas destas percepções se encontram presentes na imagem, em diálogo com a narrativa, de um dos estudantes desta pesquisa (Figura 3).

Figura 3. “Os insetos também representam a natureza”. EFA-Valente, BA.



Eu tirei essa foto porque os animais e os insetos representam a natureza. Porque devemos preservar as flores e esses animais, principalmente esse

animal, esse inseto, que é o besouro que poliniza a flor do maracujá. Aqui na nossa região é consumido muito maracujá para fazer suco, porque é uma das principais frutas da região, e dependemos dele. *Laniel*. Estudante da EFA de Valente.

A tendência de caracterizar a natureza como verde é relevante, devido a vinculações, propositais ou não, apresentadas pelas mídias de massa, além da nossa capacidade aguçada para generalizações e comparações. A cor verde representa significados diversos, como harmonia e tranquilidade, mas nenhum deles se torna tão forte quanto aquele que representa as matas, florestas, meio ambiente, enfim, a natureza.

Entretanto, esta percepção de natureza verde se amplia no momento em que vislumbramos outros ambientes e elementos que os integram, remetendo em si a outras generalizações simbólicas que as cores exercem sobre o ambiente, como no caso da caatinga, ou mata branca, em tupi-guarani. Podemos perceber esta ruptura com o “verde” na imagem escolhida por outro estudante da EFA, para representar os sentidos de natureza por ele elaborados e socializados no grupo (Figura 4).

Figura 4. “Caatinga é natureza”. EFA-Valente, BA.



Eu tirei essa imagem para mostrar um pouco das plantas da caatinga, porque eu acho que tudo que tem a ver com a caatinga tem a ver com a natureza.
José. Estudante da EFA Valente.

Nesta imagem o estudante traz um dos símbolos da caatinga, o mandacaru, para sugerir um todo, representando a caatinga como natureza, retratando ainda que “tudo que tem a ver com a caatinga tem a ver com a natureza”. *José* questionou, no debate durante a socialização de sua imagem, a noção da natureza verde, reforçando uma ideia de mosaico, com todas as suas cores, odores e sabores diversos. Reconhecemos esta multiplicidade como um aspecto fundamental para a manutenção não apenas da biodiversidade, mas também da sociodiversidade constitutivas desta região, comumente percebida como um ambiente “pobre”, com todas as matrizes que possam representar a pobreza: econômica, social, ou biológica, dentre outras.

Estas imagens produzidas pelos estudantes da EFA nos colocam uma questão muito pertinente: não existe uma única imagem de natureza a ser apresentada por cada estudante, mas existe uma narrativa a se construir, uma memória de um momento, e a necessidade do narrador em construir uma história que faça sentido e o projete frente aos interlocutores. A natureza, como temática, passa ser um mote para a narrativa, para a reconstrução de um momento que não pode ser esquecido, pois, como nos narra Walter Benjamin:

um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. Num outro sentido, é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo de textura. (BENJAMIN, 1987, p. 37)

E assim este narrador tece sua teia de sentidos, reinventando a natureza a partir do seu cotidiano, da sua interação no mundo. Assim também vão se reconstruindo novos sentidos de natureza entre os estudantes, que recorreram sempre a suas memórias para construir seus momentos de apresentação.

Aos diálogos que virão...

Percebemos este artigo como um dos encontros possíveis entre representação, imagem e narrativa. Para além de fechar o leque de possibilidades, buscamos ao longo

destes escritos traçar uma memória do percurso no qual envolvemos as imagens visuais como elementos de pesquisa, ação pedagógica e interconhecimento.

Recorrendo a imagens fotográficas, pictóricas e fílmicas, como importantes recursos de ensino e de pesquisa, foi possível, nos encontros aqui delineados, uma revisão dos modos de ser e viver natureza(s), ultrapassando representações fixadas e possibilitando novas aprendizagens entre os distintos sujeitos envolvidos nestas experiências.

No encontro com os acadêmicos de biologia e com os jovens do sisal, pelo seu caráter de intervenção pedagógica, os participantes, em sua “arte de dizer” (DEVOS, 2005), foram estimulados a produzir uma narrativa coletiva sobre a natureza, que certamente os possibilitará uma reflexão sobre os sentidos de natureza que se constroem e/ou se reproduzem no contexto da contemporaneidade.

Desses encontros, permanece a certeza de que muitos são os caminhos de produção de imagens e representações de natureza, e tomar as imagens visuais como propulsoras da coprodução de símbolos e representações nos possibilita uma constante relativização de fronteiras entre natureza e cultura, que progressivamente vem se tornando mais fluidas, principalmente a partir da inserção da complexidade ambiental, que atinge contornos mais amplos, englobando discussões tanto das ciências naturais quanto humanas.

Aos encontros que virão, permanece o desejo de nos envolvermos nessa “rede de eventos” que passamos a reconhecer como natureza, inspirados por Alfred Whitehead. E que as imagens visuais, entrelaçadas à diversidade de narrativas sobre a natureza, nos possibilitem um novo engajamento, buscando novos modos de sermos e nos sentirmos humanos no ambiente, como nos sugere Tim Ingold.

Referências

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BARBOSA, Andréa, CUNHA, Edgar Teodoro. *Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras escolhidas, 1).

- BITTENCOURT, Luciana A. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. M. (Orgs.). *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papyrus, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRANDÃO, Carlos. R. *O afeto da terra*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, v. 4, n. 1, p. 23-45, 1998.
- DEVOS, Rafael V. “Pra lá pra aquele lado lá tudo é assombrado”: memória, narrativa, espaço fantástico e a questão ambiental. *Iluminuras*, n. 59, p. 1-32, 2005.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 3. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2001.
- INGOLD, Tim. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.
- LATOURETTE, Bruno. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia*. Contribución a la teoría de las representaciones. México: FCE, 2006[1980].
- MARTINS, José de S. *A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil*. Estudos Avançados, v. 16, n. 45, p. 223-260, 2002.
- MEDEIROS, Maria Glaceni L. Natureza e naturezas na construção humana: construindo saberes nas relações naturais e sociais. *Ciência & Educação*, v. 8, n.1, p. 71-82, 2002.
- NOVAES, Sylvia C. O uso da imagem na Antropologia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.
- WHITEHEAD, Alfred N. *O Conceito de Natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Notas

1. Vale lembrar que todos os nomes citados neste trabalho são pseudônimos, para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, permanecendo grafados em itálico.
2. Trata-se de um projeto institucional de pesquisa-extensão, que recebeu apoio financeiro do PROEXT MEC/SESu.